

O Maior de Todos os Mandamentos

(Marcos 12:28–44)

Joe Schubert

Em todas as áreas da vida parece haver uma batalha interminável pelo primeiro lugar. Nos mundos dos negócios e dos esportes existe competição. Aparentemente, existe um desejo insaciável por parte do homem de determinar uma meta máxima em tudo. Queremos saber qual é o edifício mais alto, quem é o homem mais velho, qual é o carro mais rápido e, obviamente, qual é o maior estado.

A PERGUNTA LANÇADA

(12:28–31)

Não surpreende, portanto, em vista da sede insaciável do homem pelo excepcional, que certo dia um professor da Lei, um escriba, tenha ido até Jesus e perguntado: “Das centenas de mandamentos do Antigo Testamento, queremos saber qual é o primeiro e o maior de todos. Analise todos eles e aponte para nós um que seja o mais importante”.

A resposta que Jesus deu a essa pergunta constitui um dos textos mais sublimes de toda a Bíblia. Disse Jesus em Marcos 12:29 e 30:

O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.

Esta é prioridade número um. Esse mandamento é o que Deus considera ser o mandamento e a instrução mais importante que Ele deu ao Seu povo. Analisemos com cuidado essa significativa passagem para constatar o quanto ela é realmente fundamental.

Jesus começou dizendo: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração”. O coração é aquela parte de nós que sente, aquela parte onde residem as emoções. O sentimento envolvente, caloroso e conciliador que temos por nossos cônjuges e filhos vem do nosso coração. Nosso amor pelo Pai celestial deve crescer ao ponto de

tocar os nossos corações, sentimentos e emoções. Nosso amor a Deus nunca será totalmente o que ele deve ser sem que nossos corações sejam afetados. É mesmo verdade que o cristianismo é uma religião sentida pelo coração.

Jesus também disse: “Quero que vocês amem o Senhor seu Deus com toda a sua alma”. A palavra *alma* é traduzida de modo diferente em diferentes passagens nas versões disponíveis em português. A palavra grega é *psyche*. Essa palavra é traduzida por “vida” em outras ocorrências no Novo Testamento. Por exemplo, Mateus 6:25 diz: “Por isso, vos digo: não andeis ansiosos pela vossa *vida*, quanto ao que haveis de comer ou beber; nem pelo vosso corpo, quanto ao que haveis de vestir” (grifo meu). Outro exemplo é João 15:13, onde Jesus disse: “Ninguém tem maior amor do que este: de dar alguém a própria *vida* em favor dos seus amigos” (grifo meu). E um outro exemplo é Mateus 20:28: “tal como o Filho do Homem, que não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua *vida* em resgate por muitos” (grifo meu).

A ênfase nessas passagens, e em outras que poderíamos citar, é que a palavra *alma* geralmente significa a própria vida de um ser humano — o fôlego de vida, se preferir. O que Jesus está dizendo nesta segunda parte do maior de todos os mandamentos é que o nosso amor a Deus deve ser o tipo de amor que nos motiva a servir a Ele com toda a nossa vida, até ao ponto de darmos essa vida por Ele, se preciso for. Os mártires cristãos do primeiro século são, obviamente, os primeiros exemplos daqueles que amaram a Deus com suas almas ao extremo de darem suas vidas físicas por causa da confissão de fé que fizeram.

A terceira parte desse mandamento é que devemos amar o Senhor nosso Deus de todo o nosso entendimento. Entendimento tem a ver com a mente, e sabemos o que é a mente. A mente é o sustentáculo do intelecto, é aquela parte de nós

com a qual pensamos. É com a mente que você prepara o seu imposto de renda. É com a mente que você inventa artifícios e faz descobertas. São as mentes dos nossos filhos que estão sendo treinadas quando os mandamos para a escola. A mente é a parte pensante de nós.

O Novo Testamento enfatiza com frequência o ato de empenharmos ao máximo as nossas mentes ao Senhor. Sabemos que devemos aprender a vontade de Deus, e essa tentativa é, sobretudo, um trabalho mental. Vez após vez nas Escrituras bênçãos são pronunciadas aos que dedicam suas mentes ao estudo da Palavra de Deus. Recordemos os cristãos de Beréia. Eles foram elogiados por Lucas em Atos 17:11, quando este disse: “Ora, estes de Beréia eram mais nobres que os de Tessalônica; pois receberam a palavra com toda a avidez, examinando as Escrituras todos os dias para ver se as coisas eram, de fato, assim”. Essas pessoas estavam comprometidas a usar suas mentes e intelectos no estudo diário das Escrituras para verificar até mesmo a pregação de um apóstolo inspirado. Escrevendo para Tito, Paulo enumerou como uma das qualificações dos presbíteros a exigência de que o candidato seja um cristão “apegado à palavra fiel, que é segundo a doutrina, de modo que tenha poder tanto para exortar pelo reto ensino como para convencer os que o contradizem”. Isto só pode ser feito por um homem que usa a mente para aprender o que é a doutrina e para opor-se a quem ensina erroneamente no nome do Senhor.

Todos os dias, o cristão deve passar algum tempo com a Bíblia. Toda semana, o cristão deve aproveitar ao máximo as instruções oferecidas em aulas bíblicas. É impossível um cristão obedecer verdadeiramente ao maior dos mandamentos sem levar a sério o seu dever de ser um estudante pessoal da Palavra de Deus, em particular e em grupos.

Não foi por acidente que Jesus não deixou isolado esse estágio do mandamento de amarmos a Ele de todo o nosso entendimento. Ele o dosou com outras partes do mandamento, unindo amarmos a Ele de todo o entendimento com amarmos a Ele de todo o coração e de toda a alma. Separar a mente do coração e da vida resulta em algo insípido e contrário às Escrituras. Não basta só conhecer as Escrituras. Também precisamos ter essa dedicação profunda, a qual Jesus chama de amar a Ele de todo o coração e com toda a vida.

Nesse mandamento Jesus também incluiu: “Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de toda

a tua força”. A força de um homem consiste em suas habilidades, talentos e energias. O cristianismo é uma religião ativa e operante. Quem não estiver disposto a usar suas habilidades e talentos na obra do reino de Deus não está qualificado para ser um discípulo de Jesus Cristo. Paulo disse em Romanos 12:1 que o cristão deve usar toda a sua vida como sacrifício diário a Deus. No Antigo Testamento, o povo de Deus oferecia animais mortos como sacrifícios. No cristianismo, os sacrifícios que oferecemos a Deus são os sacrifícios de vidas vividas para Ele. Esta é uma parte integral do verdadeiro cristianismo. É trabalhando para Jesus no Seu reino, amando-O com a nossa força, que demonstramos a autenticidade da nossa dedicação e entrega a Deus.

Se saíssemos por aí hoje à tarde e puxássemos alguém para conversar, perguntando: “Na sua opinião, amigo, quais são os maiores pecados de que as pessoas são culpadas hoje?”, desconfio que esse amigo pensaria por um instante e diria: “Bem, assassinato é uma coisa terrível, mentira é horrível, roubo é repulsivo e adultério é também um grande pecado”. Ele citaria esses pecados e ambos concordaríamos e diríamos: “É, esses pecados são grandes mesmo”. Mas será que assassinato, mentira, roubo e adultério são os maiores pecados? Se amar ao Senhor, nosso Deus, de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força é o maior mandamento, então o maior pecado, conseqüentemente, é não amar a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força! O maior pecado tem de ser a violação do maior mandamento! Todos os demais pecados, como os que acabamos de citar, seguem como conseqüência da negligência de amar a Deus profundamente. Jesus disse: “Aquele que tem os meus mandamentos e os guarda, esse é o que me ama”. Essa afirmação de Jesus também implica que se não O amarmos, não guardaremos os Seus mandamentos.

Existem muitas pessoas ótimas e agradáveis que jamais pensariam em cometer assassinato ou adultério, mas que são grandes pecadoras porque não amam a Deus de todo o coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força. O amor a nós mesmos que expulsa Deus do lugar central de nossas vidas é o pecado mais comum.

Leiamos novamente o texto desta lição. Qual é o primeiro e maior de todos os mandamentos?

Respondeu Jesus: O principal é: Ouve, ó Israel, o Senhor, nosso Deus, é o único Senhor! Amarás, pois, o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração, de toda a tua alma, de todo o teu entendimento e de toda a tua força.

A seguir, Jesus citou o segundo maior mandamento. Ao citá-lo, Ele juntou dois mandamentos que nenhum professor judeu ou gentio jamais havia juntado antes. No versículo seguinte, Ele disse: “O segundo é: Amarás o teu próximo como a ti mesmo. Não há outro mandamento maior do que estes” (v. 31). Jesus colocou o mandamento de amar a Deus e o mandamento de amar ao próximo juntos e fez deles um só mandamento. Religião para Jesus era amar a Deus e aos homens. De fato, estou certo de que Ele teria dito que a única maneira de provarmos que amamos a Deus é mostrando que amamos o próximo. Não há mandamentos maiores do que esses dois.

A IMPRESSÃO CAUSADA (12:32–34)

A verdade inerente dessas palavras que Jesus acabara de proferir convenceu totalmente o professor da Lei e causou uma forte impressão no coração dele. Os versículos 32 e 33 dizem:

Disse-lhe o escriba: Muito bem, Mestre, e com verdade disseste que ele é o único, e não há outro senão ele, e que amar a Deus de todo o coração e de todo o entendimento e de toda a força, e amar ao próximo como a si mesmo excede a todos os holocaustos e sacrifícios.

Esse escriba, anônimo, viu uma grande verdade. A verdade que ele viu foi que aos olhos de Deus, a atividade religiosa e o desempenho religioso exterior nada somam se a atitude do coração não estiver correta. Sempre é fácil restringir a adoração a Deus ao prédio da igreja. Esse escriba foi de certo modo capaz de se destacar dentre seus contemporâneos e compreender algo que quase todos eles não compreendiam. Ele entendeu, num sentido, o que Jesus estava dizendo. Ele terminou concordando com Jesus.

Deve ter havido um olhar de amor nos olhos de Jesus quando disse a esse professor da Lei: “Não estás longe do reino de Deus” (v. 34a). Este é o triste epíteto de muitos. Estavam tão perto do reino, mas nunca entraram nele. Se esse professor da Lei tivesse tido a coragem de confessar Jesus como Senhor, ele, sem dúvida, teria sido

expulso da sinagoga. Seu meio de sobrevivência teria sido destruído. O silêncio do registro bíblico indica que esse foi o ponto mais próximo da entrada do reino de Deus ao qual esse escriba chegou. Depois desse incidente Marcos registra que a partir daquela hora “ninguém mais ousava interrogá-lo [o Senhor]” (v. 34b).

O PONTO DESTACADO (12:35–37)

O Senhor continuou batendo na mesma tecla muito importante para os escribas. Marcos diz:

Jesus, ensinando no templo, perguntou: Como dizem os escribas que o Cristo é filho de Davi? O próprio Davi falou, pelo Espírito Santo: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, até que eu ponha os teus inimigos debaixo dos teus pés. O mesmo Davi chama-lhe Senhor; como, pois, é ele seu filho? E a grande multidão o ouvia com prazer (vv. 35–37).

A citação no versículo 36 é de Salmos 110. Davi escreveu nesse Salmo: “Disse o Senhor ao meu senhor: Assenta-te à minha direita” (v. 1a). A pergunta de Jesus é simples. Como o Messias pode ser, ao mesmo tempo, Filho de Davi e Senhor de Davi? Jesus está enfatizando a questão da Sua identidade. Obviamente, a resposta para a pergunta de Jesus está relacionada à natureza dupla do Seu caráter. Como Filho do Homem, Jesus era o Filho de Davi, mas como Deus encarnado na forma humana, Ele era o Senhor de Davi e de todos os outros habitantes da terra.

A identidade de Jesus é a principal questão da vida. Toda a história da humanidade caminha em direção a um dia culminante em que cada indivíduo que já viveu na terra dobrará os joelhos e confessará com a própria língua que Jesus Cristo é Senhor. O Senhorio de Cristo é a chave para tudo na vida. O Senhor Jesus está fazendo um esforço ousado, nesta passagem, para romper a barreira da incredulidade cega dos líderes judeus e, por isso, diz: “Pense mais uma vez em quem o Messias é. Eu sou o Filho de Davi e também Senhor de Davi”.

AS ILUSTRAÇÕES USADAS (12:38–44)

Marcos continua o relato mostrando como o Senhorio de Jesus se manifesta nas vidas humanas. A verdadeira expressão de um coração submisso ao Senhorio de Jesus é demonstrada pelo próprio Jesus quando Ele traçou um contraste

entre os sofisticados, orgulhosos e religiosos professores da Lei e uma humilde viúva piedosa e pobre. Os versículos 38 a 40 dizem:

E, ao ensinar, dizia ele: Guardai-vos dos escribas, que gostam de andar com vestes talares e das saudações nas praças; e das primeiras cadeiras nas sinagogas e dos primeiros lugares nos banquetes; os quais devoram as casas das viúvas e, para o justificar, fazem longas orações; estes sofrerão juízo muito mais severo.

Os professores da Lei, os escribas, usavam longas túnicas brancas esvoaçantes que eram a roupa das pessoas que possuíam autoridade e poder. O homem comum usava marrom ou outra cor; os escribas usavam longas túnicas brancas. Era costume, sempre que um escriba entrava na praça do comércio, ser cumprimentado pelas pessoas com os nomes de rabi, pai e mestre. Os escribas amavam essas saudações e faziam questão de ouvi-las. Quando um escriba se fazia presente num culto na sinagoga, ele se sentava numa cadeira especial. Ele ficava de frente para o público e com as costas para o local onde estava a Lei de Moisés. Era esse o seu lugar especial e ele o amava. Era uma regra entre os judeus que um mestre da Lei, um escriba, não recebesse salário, porém, era-lhe permitido aceitar presentes e a hospitalidade de viver com os que abriam seus lares para ele. Jesus disse que eles se aproveitavam dessas doações. Ele disse que eles “devoravam as casas das viúvas”. Os escribas faziam longas orações porque o objetivo deles era serem vistos por homens. O maior alvo da vida deles não era honrar a Deus, mas serem vistos por homens. Esses escribas, embora declarassem fazer parte do povo de Deus, eram tremendos impostores.

Havia, porém, algumas pessoas autênticas nesse cenário. Marcos nos conta que, ao sentar-se com os discípulos no templo, Jesus observava os judeus depositarem suas contribuições no recipiente de ofertas, o gazofilácio. Entre os judeus havia uma viúva pobre. Cristo destacou essa viúva pobre como um belo exemplo de uma pessoa piedosa e autêntica. Marcos diz:

Assentado diante do gazofilácio, observava Jesus como o povo lançava ali o dinheiro. Ora, muitos ricos depositavam grandes quantias. Vindo, porém, uma viúva pobre, depositou duas pequenas moedas correspondentes a um quadrante. E, chamando os seus discípulos, disse-lhes: Em verdade vos digo que esta viúva pobre depositou no gazofilácio

mais do que o fizeram todos os ofertantes. Porque todos eles ofertaram do que lhes sobrava; ela, porém, da sua pobreza deu tudo quanto possuía, todo o seu sustento (vv. 41–44).

O dinheiro colocado nesses receptáculos dentro do templo deveria ser usado para fins religiosos e públicos. O judeu imbuído de espírito público via a doação dessas ofertas como uma obrigação que lhe era devida. Ele queria obter o maior reconhecimento possível por sua oferta, e tornava o ato de dar o mais evidente possível. William Barclay comenta que havia treze receptáculos no formato de trombeta para as contribuições, todos localizados na parede do templo junto ao pátio das mulheres. Ao sentar-se perto desses receptáculos em formato de trombeta, Jesus podia ouvir o tilintar das moedas quando os ricos desfilavam por ali e atiravam suas moedas. Sem dúvida, tentavam atirar as moedas no ângulo perfeito e com a força exata para promover grande comoção. Eles atiravam as moedas para dentro desses gazofilácios tentando fazer o máximo de barulho possível para que todos olhassem ao redor e dissessem: “Puxa, que contribuição enorme ele deve ter dado. Dá para ouvir o tilintar das moedas!”

Uma viúva pobre foi depositar a sua oferta. Ela depositou duas moedinhas de cobre, equivalentes a quase meio centavo de dólar. Jesus observou a contribuição dela, mas provavelmente ninguém mais a notou. É óbvio que os líderes religiosos e os ricos nem a notaram. Aquela oferta não representava muito. Por que eles deveriam prestar atenção àquilo? Jesus, porém, disse que a oferta da viúva pobre era uma oferta verdadeira. Ela representava amor e entrega. A mulher, segundo Jesus, colocou tudo o que possuía. A razão para ela ter feito isso era pura e simples: seu amor e dedicação a Deus. Ela era uma pessoa autêntica aos olhos de Deus. Se ela tinha direito a alguma recompensa, esta seria dada por Deus. Certamente ela não recebeu nenhuma recompensa nem louvor dos homens que estavam ali. De fato, se eles tivessem ao menos percebido, criticariam a oferta dela. Teriam dito: “Essa viúva pobre depositou o dinheiro que ela deveria ter guardado para sua família. Ela deu tudo o que possuía. Por isso, é provável que vamos ter de cuidar dela”. Eles teriam condenado a mulher.

Jesus não viu a cena dessa maneira. Ele a destacou como um exemplo excelente de uma pessoa autêntica que amava a Deus de todo o

coração, de toda a alma, de todo o entendimento e de toda a força.

CONCLUSÃO

Sem amor genuíno não pode existir cristianismo genuíno. Podemos falar de programas, planos e obras da igreja, mas se tudo isso não for motivado por um amor sincero a Deus e aos nossos semelhantes, infelizmente estaremos errando o alvo.

Você ama a Deus de todo o seu coração, de toda a sua alma, de todo o seu entendimento e de toda a sua força? Você ama o seu próximo como a si mesmo? Esses dois mandamentos são os maiores mandamentos de Deus. †

Você ocuparia uma posição secundária?

Um amigo certa vez perguntou ao famoso maestro de uma grande orquestra sinfônica qual instrumento da orquestra ele julgava o mais difícil de se tocar. Sem um momento de hesitação, o líder respondeu: “O que fica numa posição secundária. Consigo centenas de primeiro-violinistas, mas encontrar um que toque em segunda posição com entusiasmo — esse é o problema. E sem a posição secundária, não há harmonia”.

©Copyright 2005, 2006 by A Verdade para Hoje
TODOS OS DIREITOS RESERVADOS